

LIVROS

Diário de bordo – A viagem presidencial de Tancredo*

Rubens Ricupero

– I –

Por Celso Lafer**

Escrevendo sobre o percurso intelectual de Rubens Ricupero no prefácio ao livro de 1995, *Visões do Brasil – Ensaaios sobre a História e a inserção internacional do Brasil*, Gelson Fonseca Jr. sublinhou que a nota identificadora da sua reflexão é a História “como formadora da sensibilidade”. Com efeito, num sentido amplo, a História tem sido para Rubens Ricupero uma importante via de acesso para entender o sentido das coisas e lidar com o inesperado; e a História Diplomática, *lato sensu*, tem sido uma relevante *vis directiva* para pensar o presente e conjecturar sobre o futuro da política externa brasileira.

É precisamente a onipresença de sensibilidade histórica que permeia o seu livro mais recente, *Diário de bordo – A viagem presidencial de Tancredo*. De fato, no calor da hora, foi a percepção do significado, para a política externa, da redemocratização brasileira representada pela viagem ao exterior de Tancredo Neves como presidente eleito, em janeiro e fevereiro de 1985 – que ele acompanhou na condição informal de assessor diplomático – que o levou, na época, a registrar os encontros mantidos com a liberdade sem formalismos de um diário. Foi esta mesma qualificada sensibilidade histórica que o levou a contextualizar, na perspectiva do tempo, neste livro, o alcance desta viagem, decorridos 25 anos da redemocratização e do início da Nova República, da qual Tancredo Neves teria sido o primeiro presidente se a fatalidade da morte não o tivesse arrebatado do nosso convívio.

* Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, SP, 2010, 406 p.

– II –

O até agora inédito *Diário de bordo* narra o enredo da viagem de Tancredo e vai traçando o perfil dos personagens com os quais se encontrou. Especifica a variedade e as distintas ênfases que caracterizaram o seu périplo de presidente eleito na sua passagem pela Europa, pelos Estados Unidos e pela América Latina, com o sabor que não se encontra nos telegramas diplomáticos. Assim, oferece ao leitor uma visão “de dentro” da atividade diplomática, das suas razões e mecanismos.

No seu registro dos eventos, Ricupero mostra como os encontros no Vaticano surpreenderam Tancredo – um católico devoto, mas tradicional – por conta da ênfase em temas sociais suscitados pelas autoridades da Igreja. Revela que o encontro com Bettino Craxi, então primeiro-ministro italiano, não foi, como se esperava, uma visita protocolar, mas uma reunião de trabalho que passou em revista os temas da agenda internacional. Ao mesmo tempo indica que o personagem Craxi, com suas características de personalidade, não tinha a cordialidade natural que sobrava ao presidente Sandro Pertini nem o calor pessoal do senador e ex-primeiro-ministro Amintore Fanfani. A primeira etapa da viagem foi, assim, uma primeira e concreta exposição de Tancredo à natureza múltipla da diplomacia presidencial.

A passagem por Portugal foi a do reconhecimento da estatura de Tancredo como homem público. Ela é reveladora do à vontade dos presidentes brasileiros nas suas passagens por Portugal, a começar pela língua comum. Esta deu a Tancredo a oportunidade de, em várias ocasiões, falar de improviso e confirmar os seus indiscutíveis méritos de orador parlamentar. Permitiu ao presidente eleito afirmar, em todas as tonalidades, para um público receptivo, o tema da luta pela democracia, inclusive na sua dimensão social e econômica, e de fazer as referências de como o bravo exemplo português na batalha pela redemocratização tinha sido uma inspiração para os brasileiros.

O doutoramento solene em Coimbra – a matriz do ensino superior no Brasil – é muito bem descrito por Ricupero, inclusive na sua combinação de tradição medieval e atualidade. Há um apropriado registro da participação de Tancredo na sessão especial do Parlamento português, de suas conversas com Mario Soares, na época primeiro-ministro de Portugal, e com Ramalho Eanes, o então presidente de Portugal, e a indicação, por parte de Ricupero, da frieza que separava os dois homens públicos. Há o relato da entrevista coletiva a uma imprensa familiarizada com o Brasil e de como Tancredo se saiu muito bem no contato com os jornalistas.

Washington foi a etapa subsequente da viagem, e o *Diário de bordo* dela faz um registro abrangente. As conversas mantidas com o presidente Reagan, o vice-presidente Bush, o secretário de Estado, George Schultz, e nas entrevistas com o presidente do Banco Mundial, Willian Clausen, e do BID, Ortiz Mena, indicam o seguro domínio de Tancredo dos temas econômicos e suas habilidades de bom conversador. Mostra

como ele desempenhou com qualificado desembaraço na desafiante interação com os jornalistas no National Press Club.

O choque da viagem, e o episódio mais grave e o que mais preocupou Tancredo foi o recado transmitido por Schultz, que estava em perigo o entendimento com o FMI, o que poderia comprometer os resultados das negociações com os banqueiros já alcançadas pela equipe econômica do governo Figueiredo. A estratégia de Tancredo era a de encontrar, ao assumir a presidência, os acordos concluídos e de respeitá-los, para evitar um panorama imprevisível no trato da inflação. Era o oxigênio de que necessitava para poder respirar nos meses iniciais do seu governo e que, claramente, não lhe seria dado, como aponta Ricupero naquilo que é uma faceta até agora desconhecida da viagem.

A etapa seguinte foi a passagem pelo México, os encontros com o presidente Miguel De La Madrid e o chanceler Bernardo Sepúlveda. Cabe observar o registro feito por Ricupero que, tendo Tancredo devotado toda a sua vida à política interna, na medida em que a viagem ia se desenvolvendo foi adquirindo, com a assessoria que recebeu, crescente domínio dos temas internacionais com os quais tinha menor familiaridade, inclusive no caso do México, dos desafios do Grupo de Contadora.

O termo da viagem foi a Argentina, o clima de confiança, amizade e entendimento com o presidente Alfonsín, ponto de partida para o que veio a ser um novo patamar do relacionamento entre os dois países.

O *Diário de bordo*, do qual pincei alguns dos aspectos mais relevantes contém, graças à qualidade da escrita de Rubens Ricupero, a cor do cotidiano de uma viagem presidencial, na descrição dos lugares, das recepções, das pessoas encontradas, inclusive de intelectuais do porte de Octavio Paz e Jorge Luis Borges.

– III –

O inesperado da morte de Tancredo fez com que o seu único momento presidencial tenha sido esta viagem. Foi o que apontei em artigo ao qual Rubens Ricupero se refere com grande generosidade e que incorporou ao seu livro. No artigo, argumentei que o legado diplomático da viagem tinha sido o de abrir para a política externa brasileira o crédito político do *soft power* da legitimidade democrática.

O momento presidencial de Tancredo, observa Rubens Ricupero, permanece como “o único a partir do qual se poderia conjecturar sobre o governo que poderia ter sido e que não foi”, pois as conversas, as discussões com os chefes de governo estrangeiros e também as entrevistas coletivas constituíam o esboço de compromissos e políticas aos quais Tancredo pretendia dar continuidade. Daí o interesse histórico de que se reveste a publicação, neste livro, de discursos pronunciados por Tancredo e de suas conferências de imprensa em Roma, Lisboa, Washington, México. Realço a importância da releitura das perguntas a

ele feitas pelos jornalistas e das respostas por ele dadas nas quais readquire renovada vida a voz de Tancredo, a sua inteligência, a sua sabedoria e a sua dimensão de estadista.

O memorando de notas de política externa preparado para a informação de Tancredo por Sérgio Danese, então um jovem diplomata que, a convite de Ricupero, participou do trabalho de assessoramento diplomático do presidente eleito; um artigo de 1984 de Andrea Neves da Cunha sobre o seu avô; uma pró-memória dos temas de conversas para a viagem sugeridas em almoço na casa de Francisco Dornelles; a carta de Tancredo a Mitterrand agradecendo o encontro na sua própria casa de campo por ocasião da viagem complementam, igualmente, o *Diário de bordo*, oferecendo ao leitor o entendimento do contexto da época.

Como “formadora de sensibilidades”, a História levou naturalmente Rubens Ricupero a incorporar ao seu livro importantes e mais recentes reflexões, que colocam na perspectiva de hoje o significado da viagem e da obra de Tancredo.

José Serra – que colaborou nos preparativos do que seria a presidência Tancredo, coordenando e integrando a COPAG (Comissão do Plano de Ação do Governo) – trata da Nova República e daqueles que por ela foram responsáveis. Esclarece por que “a grandeza do instante fundador não se esgota naquele momento da partida, mas continua a fazer diferença no futuro”. Assim, com clareza e percuciência, mostra o acervo de realizações políticas e econômicas logrado pelo nosso país desde a redemocratização, e como configuram uma etapa altamente positiva do desenvolvimento histórico brasileiro, do qual somos todos beneficiários.

Sérgio Danese relata o que foi a sua experiência da participação, como jovem diplomata, da equipe de assessoramento do presidente eleito, um provável ponto de partida do seu importante livro de 1999 sobre Diplomacia Presidencial e da sua subsequente atuação como redator de discursos, e expõe em outro texto um apanhado histórico das viagens internacionais dos presidentes eleitos, dentro do qual se insere a de Tancredo com as suas peculiaridades.

A Apresentação e a Introdução de Rubens Ricupero que contextualizam o livro e explicam a sua perspectiva organizadora são, antes de mais nada, como decorrência da sua maneira de ser e pensar, a expressão do papel da História como formadora de sensibilidade. Lida com o imprevisto, lembrando que ao empenho dos integrantes da sua comitiva para que se poupasse, na viagem, de esforço adicional, respondia Tancredo: “Para descansar, teremos toda a eternidade”. Foi, assim, sábio, na plena dedicação à sua viagem, pois viveu com plenitude o seu único momento presidencial e enfrentou, sem o saber, o inesperado da morte, ao dar ao seu legado político o toque da sua dimensão internacional.

Nas motivações da viagem, explica Rubens Ricupero como ela tinha no plano interno de uma transição para a democracia em andamento um objetivo: obter um reconhecimento internacional, voltado para conter o inesperado de resistências e surpresas de última hora de um regime autoritário-militar enfraquecido, mas ainda com vida. Traça um

paralelo com a viagem de Juscelino Kubitschek como presidente eleito que, além de buscar o respaldo internacional para a sua proposta de desenvolvimento, nela viu um meio de contornar as resistências internas à sua posse. Aliás, foi a precária documentação da viagem de JK, na qual se buscou um precedente, que inspirou Rubens Ricupero a redigir o seu *Diário de bordo*.

Na explicação do por que Tancredo, como outros homens públicos brasileiros, estava menos familiarizado com os grandes problemas da política externa, há um instigante paralelo reflexivo com as grandes figuras do Império. Porque os problemas de fronteiras ainda não estavam resolvidos e a consolidação do Estado-nacional era uma obra em andamento, estas desempenharam atividades diplomáticas e tinham pleno domínio da política externa. Foi o barão do Rio Branco, sobre quem Rubens Ricupero escreveu com grande argúcia, que, na República, ao dirimir as relevantes divergências de fronteiras, abriu espaço para a tendência brasileira a considerar “a diplomacia como disciplina mais técnica que política, periférica em relação aos problemas cruciais e moeda de pouco ganho para a composição dos Ministérios.”

Esta percepção da dimensão técnica da atividade diplomática foi forte no período do regime militar e explica a escolha, naquele período, de experimentados diplomatas para a chefia do Itamaraty. Naturalmente, a política externa, no período, levou em conta dados da política interna, cabendo lembrar que, a partir da presidência Geisel, com o “pragmatismo responsável” de Azeredo da Silveira – que tinha afinidades com a política externa independente de Jânio e Jango – foi um componente de aproximação com as oposições e, como tal, um elemento de encaminhamento do processo de redemocratização. Daí um elemento de consenso em torno da política externa como política de Estado afirmado por Tancredo, como candidato à presidência em novembro de 1984, na Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados, conforme lembrado por Rubens Ricupero.

Este é um dado, observo eu, que explica como o Itamaraty do chanceler Saraiva Guerreiro não criou obstáculos para a assessoria diplomática que, a título pessoal, Rubens Ricupero, como diplomata de carreira e a convite de Francisco Dornelles, foi dando a Tancredo ainda candidato. Da mesma forma, o Itamaraty facilitou a presença do embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima na viagem, na qual atuou, na prática, como um chanceler *pro-tempore* do presidente eleito, tendo se saído muito bem deste desafio como registra Rubens Ricupero. Neste sentido, o relato de Rubens Ricupero é uma análise do antecedente, que foi se consolidando na Nova República, do papel do Itamaraty na transição democrática das sucessões presidenciais no campo da política externa.

Rubens Ricupero também elabora como a transição interna brasileira estava coincidindo com os sinais de mudança do sistema internacional. Aponta como a eleição de Tancredo coincidiu com a reeleição de Ronald Reagan e com o início do predomínio da “revolução neoconservadora que redefiniu a agenda econômica em favor do predomínio

absoluto dos mercados”. Menciona como a posse de Tancredo também teria coincidido com a morte do líder soviético Constantin Chernenko e a nomeação de Gorbatchev, “destinado a inaugurar políticas que conduziram oportunamente ao fim da União Soviética e da Guerra Fria”. Observa que nos preparativos e na própria viagem era vaga a percepção do que estava para acontecer, mas clara a intuição de que a História estava se pondo de novo em marcha para alterar a dinâmica de funcionamento do sistema internacional.

Conclui a sua introdução fazendo um balanço do desdobramento, no tempo, dos encontros e desencontros das quatro vertentes da viagem. Em relação à Santa Sé e à Igreja Católica, mostra como a viagem de Tancredo renunciou o papel, no Brasil redemocratizado, da ação da Igreja no apoio aos movimentos sociais por obra da influência da Teologia da Libertação e das Comunidades Eclesiais de Base. Em relação à Europa, indica que o seu papel mais afirmativo em relação ao Brasil e ao Cone Sul tem as suas limitações dadas por outras prioridades. Entre elas, a do próprio alargamento da integração europeia, a relevância dos países das margens do Mediterrâneo e do Oriente Próximo e o relacionamento privilegiado com as ex-colônias – os países ACP. Em relação aos Estados Unidos, registra como é ilusório o modelo das “relações especiais”, e detecta, no choque de Tancredo em relação à falta de efetivo apoio no trato da dívida externa, um exemplo a se ter em mente. Conclui que foi sob os auspícios promissores da passagem de Tancredo por Buenos Aires que teve início o novo patamar de entendimento com a Argentina, que seus sucessores levaram adiante, construindo o novo arcabouço do paradigma da diplomacia brasileira na América Latina, que veio a caracterizar a Nova República.

Em síntese e concluindo: *Diário de bordo* é uma contribuição para o entendimento de Tancredo Neves, um dos relevantes personagens da vida política brasileira do século XX; um inovador capítulo da História Diplomática do nosso país no contexto da redemocratização no qual, na sua especificidade, mesclam-se dados internos e cenários externos, e mais um adensado aporte bibliográfico de Rubens Ricupero, esclarecedor como sempre, dos grandes temas da inserção internacional do Brasil.

** Celso Lafer é presidente do Conselho Editorial da Revista *Política Externa*, ex-ministro das Relações Exteriores e do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.